

ORGANIZAÇÃO:



MUNICÍPIO DE
ÓBIDOS

LINHAS DE TORRES

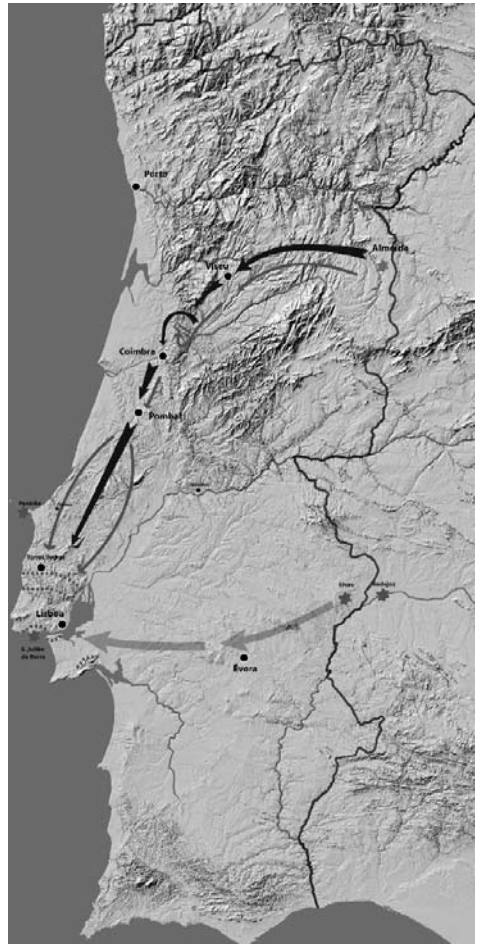
1810/11

Outubro de 1810, colunas de fumo de dezenas de quintas incendiadas, misturam-se com as nuvens de poeira das tropas aliadas em retirada. Regimento após regimento os 60 mil homens de Wellington, ingleses e portugueses, percorrem a passo largo, as longas distâncias entre as serranias do Buçaco e Lisboa. No seu encalço, a potente cavalaria francesa comandada por Marbout que, com o apoio de unidades de infantaria ligeira, não deixam descansar os aliados. São 65 mil franceses, dos melhores de que Napoleão dispunha, heróis de Austerlitz e Wagram, que avançam agora, gloriosamente, pelas estradas empoeiradas de Portugal, ocupando vilas e cidades do centro do País, num movimento imparável até Lisboa. Massena, que apesar das pesadas baixas sofridas no Buçaco, conseguira uma vitória estratégica, que quase culminou com o cerco dos aliados, sabe que o êxito da campanha depende exclusivamente de uma rápida conquista de Lisboa, principal base inglesa onde aportam , diariamente , toneladas de mantimentos e armas para abastecer o esforço de guerra dos aliados. A sua conquista, e tal como previa o próprio imperador, obrigaria os ingleses a abandonarem apressadamente Portugal e Espanha e poria rapidamente cobro à já longa guerra na Península.

Entretanto, Soult continua as suas operações militares no Sul da Espanha e na região de Badajoz, tentando pacificar a região e impor pela força o novo rei José que, por mera coincidência, era irmão de Napoleão, ao mesmo tempo que prepara a entrada em território português, pela fronteira do Caia. A forte ofensiva francesa na Andaluzia leva à conquista das principais cidades e vilas. José é recebido em apoteose em Sevilha. Mas, na realidade, os espanhóis detestam-no e a resistência armada é forte. Um último reduto dos rebeldes espanhóis centra-se em Cádiz, cidade península que, sob a protecção da marinha inglesa e de tropas anglo portuguesas, resiste a meses de cerco. Tal situação permite à Espanha uma minúscula zona livre de onde permanentemente se organiza a resistência política e a revolta no país.

Mas a pacificação da Andaluzia demora e o plano de tomada de Badajoz, trinco da região, e que iria permitir a invasão a Portugal pelo Alentejo, atrasa-se.

Apesar disso, em princípios de Outubro, parecia pois que tudo corria como o planeado em Paris e que, finalmente, José se sentaria no Trono de Leão e Castela, legitimado pelos veteranos franceses. E Portugal seria varrido, de uma vez por todas, do cenário mundial. Isso mesmo proclamava Napoleão na Assembleia-Geral francesa, prevendo o fim rápido da guerra.



Ofensiva francesa de 1810

No entanto, o comando aliado, capitaneado pelo Duque de Wellington, anteverá a invasão em força das tropas imperiais. Desde 1809, perpetraram-se uma série de actividades de carácter defensivo, quer fortalecendo as praças fronteiriças, quer elaborando todo um sistema defensivo que culminava numa intrincada rede de novas estruturas bélicas que em conjunto com obras de bloqueio de estradas e escarpamento de encostas, iriam formar um anel defensivo quer a norte, quer a sul de Lisboa, numa autêntica barreira; um obstáculo difícil de transpor para a gloriosa marcha das águias imperiais, rumo à capital do Reino de Portugal.

O governo português, encabeçado pelo hábil, D. Miguel Pereira Forjaz, homem incansável, organiza toda a logística necessária para preparar não apenas do esforço de guerra, como todo um sistema de realojamento de refugiados das zonas afectadas pela marcha francesa. Mas o seu grande feito é o erguer de um novo exército de 30 mil homens de primeira linha, auxiliados por 50 mil milicianos para operações secundárias. Diz-nos Luz Soriano, na sua imortal obra: *História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal*: “*Todos os homens solteiros de idade de dezoito a trinta e cinco anos, cuja altura excedesse as 58,5 polegadas (1,33 cm), ficavam sujeitos ao recrutamento. Exceptuavam-se em benefício da agricultura, do comércio, da navegação e das artes e ciências, os seguintes indivíduos: 1º Os filhos únicos dos lavradores, que lavrassem com dois até quatro bois, e os filhos e criados daqueles que no ano de 1809 tivessem lançado à terra seis moios de pão, 2º Os comerciantes fixos e seus caixeiros que com eles vivessem, e fossem quotidianamente empregados. 3º os que pelas suas matrículas se mostrassem empregados na navegação do alto mar, ou dos rios ou da pesca; 4º os estudantes que nos colégios ou universidades se mostrassem matriculados, mostrando efectivas aplicações às artes e às ciências. 5º finalmente os artificies que se empregassem quotidianamente nas artes necessárias, e um aprendiz a cada mestre de loja aberta. Todos os indivíduos não incluídos nas excepções mencionadas ficavam sujeitos ao recrutamento, em especial aqueles que o direito qualificava de vadios, ou que viviam da ociosidade, bem como todos os que se ocupavam em actividades não produtivas, como empregados em botequins, casas de jogo e vendas de géneros próprios de mulheres*”.

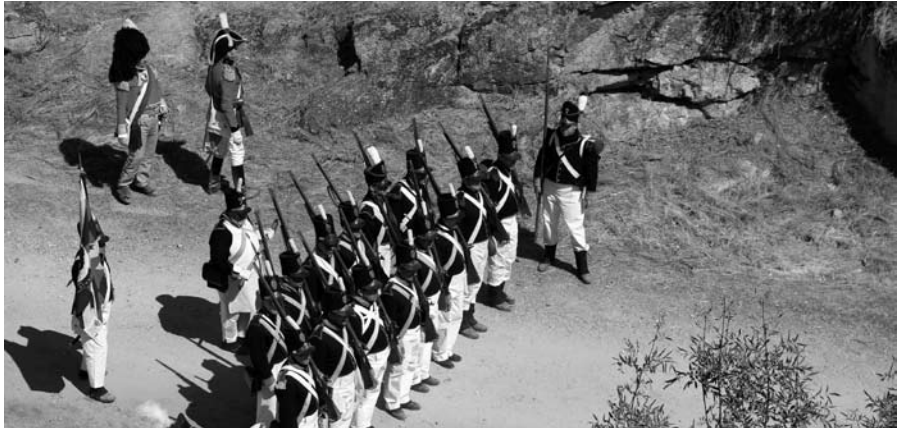


Infanteria francesa – o exército francês durante a sua marcha até às linhas, ocupou uma série de vilas e cidades em Portugal, encontrando muitas delas praticamente desertas. O êxodo da população da Beira e depois da Estremadura, para a protecção das linhas, provocou uma terrível mortandade e a ruína dos campos, sem par na História de Portugal.



Atradores ingleses “Rifleman’s” colocados na vanguarda das linhas inglesas e equipados com a potente carabina Baker, constituíam uma seria ameaça aos atiradores inimigos e aos oficiais que acompanhavam as colunas de ataque francesas.

Era pois toda uma nação que se erguia sob a alçada de D. João, o Príncipe Regente. E que enviava a sua juventude para os centros de recrutamento, como Mafra e Peniche, coadjuvados pelos milicianos e ordenanças, preparando uma força capaz de enfrentar os soldados imperiais e vingar as humilhações sofridas por três invasões devastadoras. Era também todo um povo que pegava em pás, enxadas e picaretas e que erguia, no alto das colinas ao redor de Lisboa, dezenas de fortificações e trincheiras que iriam transformar não só a paisagem, como também o destino da Europa.



Infantaria portuguesa, 1810 (recriação histórica)

Vinha todo o exército, desde Coimbra, sob o comando superior de Lord Wellington. Assim foi até à Batalha, onde chegou no dia 6. Aí dividiu-se em duas fracções.

Uma, sob o comando do tenente-general Picton, tomou a estrada de Alcobaça, destruindo a fábrica de tecidos que ali havia, com a mira da ruína dessa indústria, em proveito do comércio de Inglaterra. De Alcobaça, seguiu-se pelas Caldas, para Óbidos, e dali pela Roliça, seguindo a estrada, direito a Torres Vedras. Aqui ficou, guarnecendo assim o flanco direito, a sete léguas de distância, que ficava em Alhandra, posição que o tenente-general Hill foi ocupar no dia 8, com as suas forças.

A outra fracção do exército, mais numerosa, constituída por três Divisões, enquanto a primeira só o era por uma, avançou da Batalha, sob o comando directo de Wellington, vindo por Rio Maior e Alcoentre, direita ao Sobral, que era o centro da primeira linha, onde entrou, mas só em parte, igualmente no dia 8.

Em 6 de Outubro, entrava o exército francês em Leiria, que encontrara deserta. Os Aliados tinham levado tudo, e com eles fugira a população inteira. No entanto, os franceses conseguiram ainda encontrar um depósito considerável de grão, que tinha escapado, nas tulhas do Paço do Bispo¹.

Repetiu-se em Leiria o choque, que na véspera tinha havido em Pombal. A retaguarda dos aliados bateu-se ai valentemente com as colunas avançadas dos invasores. Houve perdas grandes de lado a lado.

1 - Sabemos hoje em dia que tal não ocorreu bem assim. Apesar do gigantesco êxodo na Extremadura, muitos preferiram ficar em suas casas e aldeias ou esconderam-se pela região, e muitos dos armazéns e moinhos não foram destruídos, como havia sido ordenado por Wellington.

De Leiria, partiram os franceses, na manhã de dia 7, vindo juntamente com eles o corpo de exército de Reynier, que ali se lhes juntará, tendo desistido de perseguir o tenente-general Hill. Na tarde desse dia, vieram estabelecer o seu acampamento nos Carvalhos e Aljubarrota. No dia seguinte, chegaram a Rio Maior, lançando as suas avançadas até Alcoentre, onde surpreenderam um esquadrão inglês, apossando-se dessa vila e de duas bocas-de-fogo.

Mas o esquadrão do comando do capitão Murray, refazendo-se da primeira surpresa, voltou ao ataque, conseguiu reaver os canhões e expulsou os franceses da vila. Em seguida retirou-se para a Ameixoira onde a vanguarda francesa chegou, no dia 9.

Todo o dia foi de combate com a retaguarda dos aliados, tendo o general Sainte-Croix caído numa cilada de que resultaram, para as forças do seu comando, consideráveis perdas.

Veio a noite, e com ela a suspensão da luta. Na manhã de dia 10, as nossas forças tinham já retirado. Os franceses tomaram ainda o mesmo caminho. Mas, ao chegaram ao moinho do Cubo², onde a estrada se bifurca, partindo uma para Alenquer e outra para Lisboa, Massena parou indeciso, não sabendo qual tomar, pois nenhuma indicação tinha da que os aliados haviam seguido. Enviou, então, destacamentos até grande distância, para efectuarem o reconhecimento de ambas. Os destacamentos voltaram sem terem encontrado nem vivalma que os informasse.

Um deles trazia prisioneiros dois homens do campo que, por acaso, encontrara mas que nada tinham podido ou querido dizer. Conduzidos à presença do marechal, este interrogou-os pessoalmente sobre o caminho que o exército de Wellington havia seguido.

Não quis o marechal acreditar neles e, para lhes arrancar o segredo, mandou que lhes fosse aplicado o tormento da prancha que sofreram resolutamente, sem nada dizerem, ou por ignorância ou por discricção patriótica, até caírem mortos.

Montbrun, comandante da cavalaria, havia seguido pela estrada de Alenquer. Chegando a essa vila, pôde reconhecer que uma grande coluna se retirava na estrada do Sobral. Essa coluna era composta pela divisão ligeira de Craufurd, e da brigada portuguesa de Pack. Seguiu-a.

Havia a coluna dos aliados recebidos ordem de entrar nas linhas por Arruda, à direita do Sobral, quase a meia distância entre esta vila e Alhandra.

No dia 9 estava em Alenquer, e ali permaneceu até ao dia imediato, em que lhe saiu ao encontro a força considerável dos franceses composta de cavalaria e infantaria, comandadas por Montbrun.

Craufurd consegue retirar as suas forças em boa ordem e serenidade. Os franceses perseguem-no, castigando-lhe a retaguarda. A divisão ligeira e a brigada portuguesa sustentam o primeiro choque mas, perante a pressão, cedem e têm de abandonar a posição, retirando-se novamente, sem confusão ou desordem e vão restabelecer-se noutra ponto mais avançado. Aí recebem novo ataque das forças de Montbrun, sustentando a posição por largo espaço. Mas são, finalmente, obrigados a retirar.

Nesta refrega, onde mortos e feridos foram em grande número, Craufurd distanciou-se do caminho que tencionava seguir, e que era a estrada mais próxima de Alenquer, a qual segue do Carregado para a Arruda, passando por Cadafães. Vendo-se, deste modo, impellido para a estrada do Sobral tomou, por ela e, na noite de 11 para 12, executou junto das linhas uma longa marcha de flanco, a fim de ganhar a Arruda, por onde lhe tinham ordenado que entrasse.

Montbrun, que o perseguia infatigavelmente, à frente das brigadas francesas de Lamothe e Soult e de três regimentos de cavalaria, avançou ainda sobre ele na direcção do Sobral. Já próximo desta vila, pôde lançar mão a um camponês, ao qual intimou para que o informasse da marcha dos aliados. Dele soube que tinha chagado às linhas, cujas baterias lhe foram então mostradas, não tendo até aí suspeitado da sua existência, quanto mais que as tinha ali tão perto.

Então, estacou. Se não tivesse tido a fortuna de tal encontro, ou se o camponês do Sobral tivesse procedido como os do Moinho do Cubo, Montbrun, na cegueira do entusiasmo da perseguição, teria perseguido os aliados até dentro das linhas onde, irremediavelmente, cairia prisioneiro com todas as suas tropas.

Sem maior hesitação, pois o caso era urgente, mandou logo a frente para a retaguarda, indo postar-se a conveniente distância e mandando dali avisar Massena.

A surpresa e o espanto dos franceses ao terem imprevisamente conhecimento da existência das fortíssimas linhas de defesa, não podiam ser excedidos, e disso dão testemunho todos os historiadores que decreveram esta guerra e principalmente os que de perto viram os sucessos, por nela terem tomado parte.

Eis como o Barão de Marbot se exprime, dando informações preciosas graças ao lugar que ocupava no Estado-Maior do Marechal.

“Os franceses esperavam ter que dar batalha antes de entrarem em Lisboa; mas, sabendo que esta cidade era aberta pelo lado de terra, ninguém duvidava da vitória.”

Contudo, todos os arredores de Lisboa estavam cobertos de fortificações, nas quais os ingleses faziam trabalhar há já um ano e meio, sem que nem o marechal Ney, que acabava de passar um ano em Salamanca, nem Massena que durante seis meses se preparava para invadir Portugal, tivessem tido a menor noção desses trabalhos gigantescos. Os generais Reynier e Junot, estavam na mesma ignorância. Mas coisa mais surpreendente ainda, e verdadeiramente incrível se os factos não fossem hoje incontestáveis, o próprio governo francês não sabia que as *montanhas de Sintra*³ estivessem fortificadas! Não se percebe como é que o Imperador, cujos agentes penetravam em todas as regiões não tivesse dirigido alguns sobre Lisboa, o que não deveria ser muito difícil tal era o tráfego naval que o porto de Lisboa então recebia, vindo de vários pontos do mundo. Massena nunca foi informado de nada sobre a defesa de Lisboa, e foi só quando chegou a Alenquer, ao pé das colinas de Sintra, que o general francês soube que elas estavam fortificadas e unidas entre si por meio de linhas cuja esquerda tocava no mar, por detrás de Torres Vedras, cujo centro ocupava o Sobral, e a direita Alhandra, apoiando-se no Tejo.

Segundo Marbot, caso Massena tivesse logo torneado a Serra do Buçaco, em vez de ter desperdiçado muitos homens no funesto ataque ao centro da posição aliada, estaria em plena força quando chegou às linhas, podendo assim com um golpe rápido e robusto, acometer um ataque em força que, segundo ele, certamente romperia o sistema defensivo e obrigaria os aliados a recuarem e abandonarem Lisboa à sua sorte.

Foi em 11 e 12 de Outubro, que os aliados recolheram totalmente às linhas defensivas de Lisboa, e nelas tomaram as suas posições. A 12, entraram os piquetes avançados de Renyer em Vila Franca e Massena destacou patrulhas até o Sobral, apossando-se deste ponto que ficava fora das linhas.

3 - Assim designavam os franceses as cordilheiras a norte de Lisboa.



Sobral de Monte Agraço – (perspectiva dos moinhos da Zibreira). No dia 14 e 15 de Outubro, a concentração de soldados franceses na vila levava a crer que estaria para breve a batalha.



Moinhos da Zibreira – Ponto estratégico na linha da frente aliada. Aqui Lord Wellington terá colocado uma forte bateria de artilharia.

Era o Sobral o ponto médio da primeira linha, a qual passava um pouco à retaguarda dessa vila. As forças que ali estacionavam, estavam directamente comandadas por Wellington, tendo como seu imediato Beresford. À direita do exército, sob o comando de Rowland Hill, tinham o quartel – general em Alhandra, ficando à retaguarda desta vila o vale de Calhandriz, entre ela e Alverca, e na frente Vila Franca, ocupada pelo segundo corpo de exército francês.

À esquerda do exército, sob o comando de Thomas Picton, tinha o quartel “general em Torres Vedras e dali defendia a linha do Sizandro, que corre no sopé dos montes, para a esquerda, até desembocar no Oceano. O Sizandro engrossava, dia a dia, com as chuvas de Outono e era, só por si, uma excelente defesa natural.

Mantinha ainda Torres Vedras a comunicação com Peniche e Óbidos, pelo Vimeiro e Lourinhã, tendo-se posto na primeira uma forte guarnição de segunda linha comandadas pelo brigadeiro Blut, e enviado uma companhia para defesa de Óbidos, comandada pelo jovem capitão Fenwick, que pereceu em combate contra um destacamento de dragões franceses, junto de Évora de Alcobaça.⁴

À esquerda das duas divisões de Rowland Hill, postadas nas alturas de Alhandra, ficava a divisão ligeira de Craufurd, ocupando Arruda, e indo apoiar-se num grande reduto que fora construído no cume do Monte Agraço. Esse reduto foi confiado a uma guarnição composta da brigada portuguesa de Denis Pack.

Na retaguarda das alturas do Monte Agraço, foi postada a divisão comandada pelo general Leith. Entre as forças deste e as de Picton, ficava o grosso do exército aliado, no vale do Sizandro. Ai esperava Wellington o ataque em força de Massena, pois parecia ser o único ponto onde os franceses poderiam utilizar as suas tácticas, com relativa probabilidade de êxito.

Nesse vale, em Pêro Negro, Lord Wellington estabelece o seu quartel-general, na quinta do Barão de Manique. A uma distância de 2 km, também Beresford aproveitou a quinta de Casal Cochim para colocar o seu estado-maior.

Em Runa, entre o Sobral e Torres Vedras, postada à vista do acampamento francês, tomava posição a leal legião lusitana, sob o comando do Barão d’Eben.

No momento em que o exército aliado entrava nas linhas, atravessava o Tejo, vindo de Campo

Maior, para tomar igualmente posição nelas, um corpo de exército espanhol de 6 mil homens, sob o comando do Marquês de la Romana.

A força de cavalaria, da qual faziam parte duas brigadas portuguesas, comandadas pelo Coronel Araújo Teive e pelo coronel Otway, ambos sob ordens directas do general Fane, ficou acantonada perto da segunda linha defensiva e, principalmente, nos seus flancos. Tinham aí possibilidade de manobrar em certos pontos menos acidentados entre as duas linhas, opondo-se a qualquer coluna de infantaria inimiga que por ventura ousasse penetrar nos desfiladeiros impraticáveis às outras armas.

As forças totais aliadas, por essa altura, na defesa das linhas, rondariam os 110 mil homens, sendo 60 mil de tropas regulares, constituídas por 30 mil ingleses e outros 30 mil portugueses dos regimentos de primeira linha. O resto era composto pelos regimentos de milícias e ordenanças destinadas à defesa e ao funcionamento dos fortes, bem como operações de atalaia, sentinela e escolta de abastecimentos. Estava prevista a hipótese do exército sofrer uma derrota nas linhas. Prepara-se, para isso, a defesa nas segundas e terceira linhas; estas últimas já ao redor do Forte de São Julião da Barra. Era sob a protecção dos imponentes muros da fortaleza que os ingleses pretendiam, em caso de derrota, reembargar todo o seu exército.

Milhares de milicianos e das forças navais estacionadas no Tejo iriam defender, a todo o custo, a cidade de Lisboa. Apesar do optimismo do Barão de Marbot, com apenas um corpo de exército na totalidade da força depois do Buçaco, Massena não teria uma tarefa tão fácil como o ajudante de campo referia, na tomada de Lisboa.

Em poucas palavras, as linhas só podiam ser atacadas num pequeno número de pontos. Mas de um ponto ao outro, os defensores podiam acudir e chegar mais depressa do que os franceses. Finalmente, havia a marinha inglesa, quer no domínio absoluto no mar alto, quer com barcos canhoeriras no rio Tejo. Cercavam toda a península de Lisboa.

No dia 12 de Outubro, marchou o general Montbrun com a vanguarda do exército francês, para Vila Franca, tomando lá as posições que julgou convenientes. O oitavo corpo (o de Junot), marchou de Alenquer para o Sobral, onde conseguiu apoderar-se desta vila, construindo durante a noite alguma trincheiras para defesa própria, perto do centro das posições aliadas. Foi no Sobral que o Duque de Abrantes estabeleceu o seu quartel general. O sexto corpo estacionara a sua primeira divisão em Vila Nova da Rainha, a segunda em Ota e a terceira perto do moinho do Cubo. O segundo postarase à direita e à esquerda do Carregado, estabelecendo o marechal Massena o seu quartel-general em Alenquer.⁵

Ficava assim a frente do exército de Massena entre Runa e Vila Franca. Aí procurava o Marechal o ponto ideal de concentração de forças para o ataque às linhas.



Leal Legião Lusitana - Corpo especial do exército português. Participou no combate de Dois Portos. Em caso de ataque franceses iria actuar no flanco, na zona de Runa.

5 - in. Luz Soriano, *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*.

A 13 e a 14, Massena ordena a Junot o avanço de algumas unidades ligeiras, quer para consolidar as posições, quer como tentativa de perceber qual os pontos mais fracos defronte ao Sobral, com o objectivo de realizar um forte ataque pela zona do Alto Sizandro.

Antevendo a situação, o Duque de Wellington coloca os seus melhores homens na zona e aguarda a ofensiva francesa que se avizinhava.

Relata-nos Sir Benjamin D'Urban, no seu "Peninsular Journal" vol V: "Outubro, dia 13. Pela manhã, o inimigo fez algumas barricadas e entrincheiramentos e outros preparos defensivos, na vila do Sobral. Por volta das 3 horas da tarde houve uma escaramuça entre as guardas avançadas na aldeia de Dois-Portos, As forças portuguesas realizaram uma carga à baioneta, com sucesso. Mas ficando afastados demasiado das suas linhas, tiveram de recuar para as suas posições iniciais. Há a registar o ferimento do Coronel Harvey, um excelente oficial, comandante das 11ª e 23ª Brigadas.

A 14 de Outubro, o inimigo colocou algumas peças de artilharia nas barricadas feitas com tonéis à saída do Sobral. Pela tarde, uma multidão de atiradores iniciou um ataque aos postos avançados do Sir Brent Spencer's, situados no sopé da Vila do Sobral, em Seramena, obrigando as nossas forças a retiraram em boa ordem, até ao Monte Agraço. O avanço dos atiradores franceses é detido pelo 95º e 23º regimento, que obrigam os franceses a retirar".

Entretanto, nesse mesmo dia, fortes colunas de infantaria começam a chegar ao Sobral, vindas pela estrada de Alenquer, antevendo um forte ataque na região. Na zona de Alhandra, travam-se combates entre portugueses e franceses, que tentam forçar passagem. Os restantes sectores parecem tranquilos. No final do dia, Wellesley não tem dúvidas. A concentração de infantaria de assalto francesa no Sobral, indica que Massena pretende atacar em força na zona do Alto Sizandro, abrindo assim a estrada para Lisboa. Ordena então ao seu estado-maior que disponham as tropas no terreno da seguinte maneira:

MEMORANDO DO CORONEL MURRAY, QUARTEL-MESTRE GENERAL,

13 de Outubro, 1810

"Quando o exército for ordenado a ocupar a posição da Zibreira e Patameira, as tropas serão formadas da seguinte maneira a partir da direita:

A divisão do Tenente General Sir Brent Spencer, com a sua direita para os dois moinhos entre Zibreira e os redutos do Sobral, irão ocupar uma linha que se estende a um antigo moinho á direita da Zibreira; e daí para outro velho moinho do lado esquerdo da igreja da Zibreira, trazendo a sua esquerda para a ravina. Esta linha estende-se cerca de 1000 jardas.

O restante das tropas da divisão deverá ficar de reserva na retaguarda desta linha, com a excepção dos batalhões de infantaria ligeira, anexados às brigadas que ocuparão Zibreira.

A divisão do Major General Picton irá formar com a sua direita numa linha com a esquerda da 1ª divisão, e irá estender-se até á vila de Patameira, cerca de 800 jardas.

O restante desta divisão deverá ficar de reserva na retaguarda da direita da divisão do General Cole, mandando a sua infantaria ligeira ao longo da ravina na sua frente, e ocupando as casas e Patameira.

A direita do Major General Cole deverá parar na ravina numa linha com Patameira. Seu centro na parte inferior dos dois moinhos no monte em que há dois; e a sua esquerda na estrada entre Ribaldeira a Enxara dos Cavaleiros, onde essa passa por Portela.

Esta linha estende-se 1700 jardas, e o restante das tropas desta divisão estará em reserva na retaguarda da sua esquerda, mandando os batalhões de infantaria ligeira da brigada de infantaria Portuguesa e Britânica na sua frente.

A 6ª divisão deverá colocar a sua direita no ponto onde a esquerda do Major General Cole irá ficar, e ocupar a montanha na esquerda da Portela, olhando para Ribaldeira, colocando a Legião Lusitana na montanha ainda mais sobre a esquerda, á esquerda de um caminho vindo de Runa até uma estrada de Ribaldeira a Enxara dos Cavaleiros.

A divisão do Major General Leith estará em reserva na retaguarda da direita.

As brigadas do Brigadeiro-General Campbell e o Brigadeiro-General Coleman de reserva na retaguarda da esquerda na estrada de Ribaldeira a Enxara dos Cavaleiros.

A artilharia será colocada da seguinte forma:

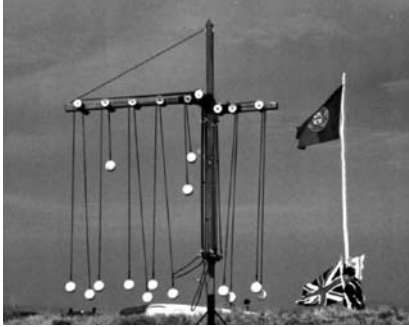
- *As de 9 Libras Britânicas, e as de 6 Libras anexadas á divisão do General Hill, na Zibreira.*
- *A brigada de 6 libras anexada á 1ª divisão nos moinhos á direita dessa divisão.*
- *As 9 libras do Major Arentschildt e as brigadas Portuguesas de 6 libras num velho moinho á direita da Patameira.*
- *A brigada Portuguesa de 9 libras do Major Dickson, e a brigada Portuguesa de 6 libras anexada á divisão do Major General Leith á esquerda da vila de Patameira, e á direita da divisão do General Cole.*
- *A brigada de artilharia anexada á divisão do General Cole no moinho, onde o seu centro irá estar.*
- *Três das de 6 libras anexadas á 6ª divisão na Portela, na estrada de Ribaldeira a Enxara dos Cavaleiros, e três no caminho de Runa a Enxara dos Cavaleiros.*
- *As de 3 libras anexadas á brigada do Brigadeiro-General Campbell, irão ficar de reserva, assim como a tropa de artilharia a cavalo do Capitão Ross.*
- *Os oficiais a comandar divisões irão inspeccionar a situação dos seus vários postos.*
- *As comunicações são do grande reduto do Sobral junto aos moinhos até Zibreira; daí á retaguarda, e através da ravina junto a um caminho escondido para Patameira: daí na retaguarda de Patameira á direita do posto do General Cole; daí por detrás da montanha onde o seu centro estará, á estrada que vai de Ribaldeira a Enxara dos Cavaleiros.*

O mais cedo possível, deverão cobrir as armas em Zibreira, e á direita e esquerda de Patameira, disfarçar isto da vista do inimigo.⁶

Wellington

No entanto, nada aconteceu! Massena havia compreendido bem as dificuldades e o plano de Wellington. Atacar o vale da Zibreira, ladeado por fortes e pelo reduto do Alqueidão, tornar-se-ia algo parecido com o que aconteceu anos mais tarde, nas planícies da Crimeia, com a catastrófica carga da brigada ligeira, preperada por Lord Cardigan. E Massena já só dispunha de um corpo de exército, o de Junot, em plena força. Decidiu então analisar melhor as linhas e ver outras possibilidades, dando ordens a Junot, para cancelar a ofensiva.

6 - "The Dispatches of Field Marshal the Duke of Wellington in the Peninsula in 1810" - Coleção Frederico Pinto Basto, Fundo Bibliográfico.



Posto de comunicação (recriação). A instalação de diversos postes de sinais, espalhados pelas linhas, permitia transmitir uma mensagem à fabulosa velocidade de 11 minutos, de uma ponta à outra das linhas. O que sem dúvida dava aos aliados uma vantagem táctica em caso de ataque.

Na noite de 16, Massena decidiu-se fazer pessoalmente um reconhecimento à linha mais avançada, em frente do Sobral, que as suas forças ocupavam.

Era passado meio-dia, quando Massena se adiantou à frente de dois mil homens de cavalaria e de outros tantos de infantaria, e subiu com eles as alturas que dominavam a vila para o lado do Monte Agraço.

Nesse dia e a essa hora, diz-nos Soriano, estava tudo nos seus lugares e tudo em armas. Os fortes tinham as guardas completas, os postos estavam em alerta, a artilharia de posição pronta a deslocar-se para onde quer que fosse necessário.

Massena estendeu os olhos por uma vastíssima extensão das obras, e compreendeu então o que elas valiam e que soberbo obstáculo à sua empresa tinha surgido, como por encanto, do chão. Reconheceu que tinha diante de si uma das disposições defensivas mais formidáveis de quantas no seu passado de campanhas havia encontrado. Podia afirmar mesmo, nunca ter visto outra que se lhe comparasse. À roda do marechal estava todo o seu estado-maior. Olhava ele ao longe, à sua esquerda, para a estrada do Vale de Calhandriz que segue em direcção ao Tejo. Num muro havia deposto o seu óculo. Nisto, numa bateria de artilharia, vinda do reduto 120, manifestamente disparada na direcção do grupo como um convite a retirar-se, bate no muro, perto do óculo, a poucos passos. Massena compreende o aviso e, tirando o chapéu, saúda cortesmente o inimigo. E todo o seu estado-maior e as forças que o seguiam, desceu rapidamente das alturas e recolheu ao Sobral e daí ao seu quartel.

Nas reuniões que se seguiram, os generais dos diversos corpos não se entenderam; Junot e Massena queriam atacar, Ney e Renier, não. Massena que não podia retirar facilmente a auto-riedade aos dois generais, opta por fazer uma retirada estratégica para Santarém.

Diz-nos o Barão de Marbot, ajudante de campo de Massena: *“É incontestável que eram de uma força imponente; todavia muito longe de ser quanto todos o diziam. Com efeito, os entrenchamentos dos ingleses formavam em torno de Lisboa um arco imenso, de cerca de 15 léguas portuguesas, o que equivale a 20 francesas. Ora, qual é o oficial ao facto das coisas da guerra, capaz de se convencer de que uma posição de 20 léguas de desenvolvimento apresenta por toda a parte as mesmas dificuldades e não é vulnerável em alguns pontos.*

Muitos desse foram por nós reconhecidos, ao ver os oficiais inimigos, e até mesmo piquetes de cavalaria, subi-los muito facilmente nos seus cavalos. Adquirimos, também, a convicção de que os nossos geógrafos e oficiais encarregados de levantar a planta das colinas tinham figurado redutos armados, em toda a parte onde tinham visto alguma terra revolvida de fresco. Ora os ingleses, para nos induzirem em erro haviam traçado sobre os menores montículos obras que, pela maior parte, estavam ainda no estado de projecto; mas, concluídas mesmo que estivessem, parecia-nos que permitindo os acidentes de terreno aos franceses o ocultarem os movimentos de uma parte do seu exército composto por três corpos, seria possível empregar um desses em simular empreendimentos sobre a frente do inimigo, enquanto os outros dois atacariam realmente os pontos mais fracos dessa imensa linha, atrás da qual as tropas inglesas, se quisessem cobrir tudo, deviam estar necessariamente disseminadas em extremos, ou então ter

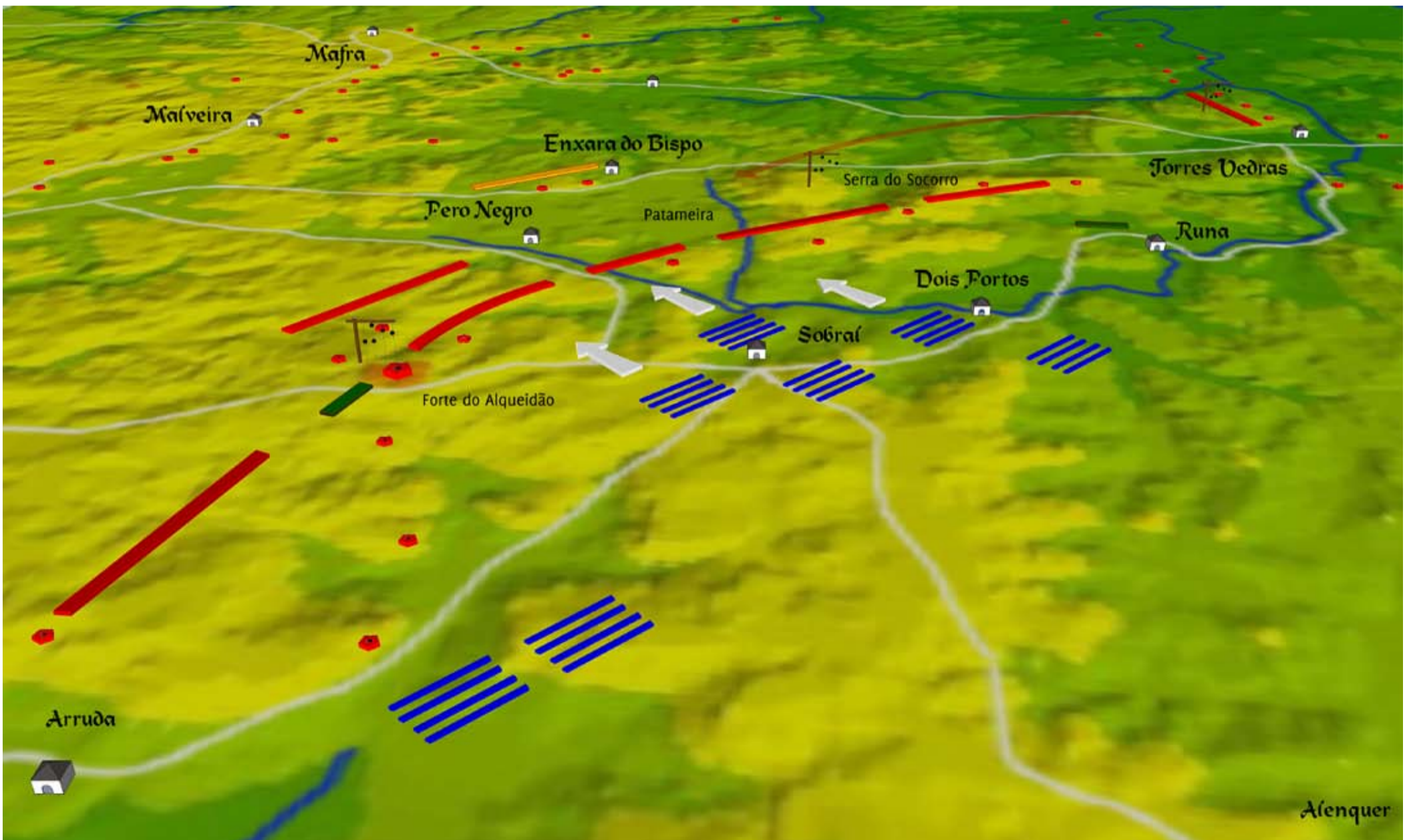


Alto Sizandro e passagem de Montachique

ANEXO CARTOGRÁFICO

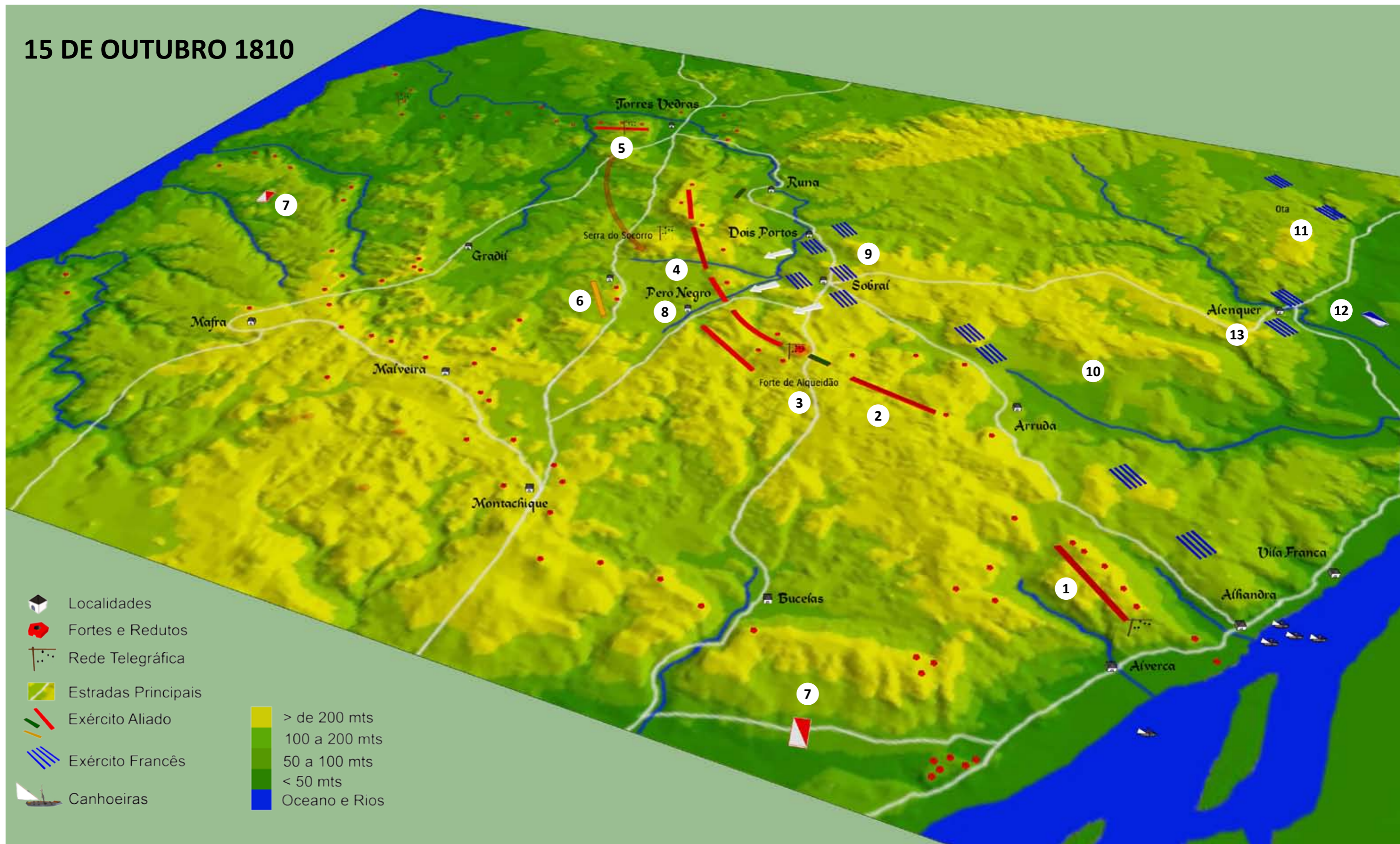


15 de Outubro perspectiva do lado de Runa



15 de Outubro perspectiva do lado do Sobral de Monte Agraço

15 DE OUTUBRO 1810



1 2ª Divisão e uma brigada Portuguesa, Sir Rowland Hill, - Alhandra
 2 Divisão Ligeira: Sir Robert Craufurd
 3 Denis Pack – Brigada Portuguesa independente (Forte do Alqueidão)
 4 Posição central aliada. Da Esquerda para a Direita, do Forte do Alqueidão até Runa:
 1ª Divisão: Sir Brent Spencer; 3ª Divisão: Sir Thomas Picton; 4ª divisão: Sir Lowry Cole;
 6ª Divisão: Maj. General: Alex. Campbell; Leal Legião Lusitana.

5 5ª Divisão: Sir James Leith – Torres Vedras (tinha ordens para se deslocar para a retaguarda do exército em caso de ataque francês na zona do alto Sizandro).
 6 Divisão do Marquês de La Romana – 6 mil espanhóis – Enxara do Bispo.
 7 Cavalaria aliada
 8 Pêro Negro – Quartel-general de Lord Wellington

9 8º Corpo de Exército francês – General Junot
 10 2º Corpo de exército francês – General Reynier
 11 6º corpo de exército francês – Marechal Ney.
 12 Cavalaria francesa - general Montbrun
 13 Alenquer: Quartel general francês –Marechal André Massena

as suas reservas muito afastadas dos pontos de ataque, que lhe não seriam antecipadamente conhecidos.”

Esqueceu-se o Barão de dois pormenores: o sistema de comunicação por balões e bandeiras, instalado em centros “telegráficos” estrategicamente colocados, e que permitia passar uma mensagem de um lado ao outro das linhas em 11 minutos. E da rede de estradas que acompanhou a construção dos fortes e que permitia às forças anglo-portuguesas deslocarem-se e concentrarem-se, rapidamente, em locais de maior perigo. Estes dois detalhes sobre a construção e funcionamento das linhas, teriam sido marcantes para o desenrolar da batalha, em caso de ataque.

A vontade de Massena era que Wellington se decidisse a sair das linhas e lhe desse batalha. Não entrava, porém, essa deliberação nos planos do generalíssimo inglês. Sabia que os seus adversários haviam de ceder perante a fome e as privações de toda a espécie e não ia arriscar, nas continências de uma acção campal, a certeza de uma vitória que a sua posição lhe garantia sem nenhuma perda de vidas.

No entanto, não deixaram os do nosso lado de efectuar sortidas parciais, que incomodaram bastante o inimigo. Assinalou-se nelas o tenente-coronel Waters que comandava uma coluna móvel em Torres Vedras, o qual, de uma só vez, caindo sobre batedores franceses dispersos, aprisionou grande número e trouxe para as linhas um comboio de víveres que eles a custo levavam para seu sustento, através da serra do Barregudo. De Peniche, repetia igualmente as sortidas contra a ala direita dos franceses, o brigadeiro Blunt.

Foi numa dessas sortidas que um destacamento comandado pelo Major Fenwick, teve a missão de conquistar Óbidos, o que o que realizou matando e aprisionando grande número de inimigos, apossando-se ainda as provisões e recursos materiais que eles ali tinham.

As muralhas de Óbidos foram reparadas, e a vila foi artilhada, dando-se-lhe uma guarnição portuguesa de trezentos homens, e pondo-se no seu governo o oficial inglês que a tomara. Fenwick haveria de tombar mortalmente em combate a 10 de Dezembro, num recontro contra os dragões franceses, perto de Évora de Alcobaça.



Vila de Óbidos - Guarnecida com 300 soldados, constituía um posto avançado na estratégia defensiva aliada. A Torre do Facho guarda ainda uma abertura feita nessa altura para a colocação de uma peça de artilharia, que bateria a antiga estrada real. Ao seu redor terão havido combates pela posse da localidade.

A 20 de Outubro, Massena, manda estabelecer um hospital de campanha em Santarém. E a 29, depois de inspeccionar pessoalmente a cidade, dá ordens a cada corpo para, intercaladamente, iniciarem, assim que o pudessem fazer, um processo de retirada da zona do Sobral - Alenquer - Vila Franca, em direcção a Santarém - Tomar, onde iriam aguardar instruções de Paris. Massena enviara um correio especial (o general Foy), escoltado por alguns milhares de Dragões, para ir informar pessoalmente Napoleão, do grave estado da situação e solicitando, no mínimo, mais reforços. Napoleão apenas dispunha do 9º corpo na região. Mas já era bastante tarde para o exército de Massena, que começava a fazer sentir a fadiga e o desgaste provocado pelo impasse e, em especial, pela inexistência de mantimentos.

Enquanto isso, mais a Sul, em Badajoz, travavam-se violentos combates pela posse da praça-forte, que se recusava a cair em mãos francesas. A tão aguardada ofensiva de Soult, no Alentejo, tardava em demasia, permitindo aos aliados manterem a concentração de tropas a Norte de Lisboa.

Na manhã de 15 de Novembro, um densíssimo nevoeiro cobriu completamente a atmosfera. Era preciso aproveitar a oportunidade propícia. Todo o oitavo corpo atravessou, favorecido por ele, o desfiladeiro de Alenquer, marchando por Alcoentre, direito a Rio Maior, e dali a Alcanede, Pernes e Torres Novas.

A coberto do mesmo nevoeiro, o segundo corpo retirou de Alhandra para Santarém, seguindo pela estrada real.

Algumas horas depois do nascimento do Sol, a atmosfera limpou, e só então é que, das linhas, se percebeu que a posição inimiga tinha sido abandonada.

Massena perpetrava uma pequena retirada estratégica para Santarém, o que pressagiava uma retirada geral. Tal veio a acontecer em princípios de Março de 1811. O exército francês retira por Condeixa, Lousã e Almeida, sempre perseguido pelas forças anglo lusas que, saindo da protecção das linhas, atacam constantemente a retaguarda francesa.

Com a chegada de reforços, Massena contra-ataca em Fuentes d'Onor, de 3 a 6 de Maio, mas a sangrenta batalha demonstra-se um impasse. No entanto e devido ao mau estado do seu exército, Massena retira para Cidade Rodrigo. Aí o Marechal recebe ordens de um furioso Napoleão que o chama imediatamente a Paris, onde o destitui do comando do "Armée du Portugal", substituindo-o por Auguste de Marmont.

Em Portugal, comemora-se a vitória e a libertação do País. Wellesley, o grande obreiro da vitória anglo portuguesa, é elevado a herói nacional, tanto em Inglaterra como em Portugal. Será agraciado por D. João, nesse mesmo ano, com o título de conde do Vimeiro, e no ano seguinte, com o de Marquês de Torres Vedras.

"Durante o inverno de 1810, e até à primavera de 1811, pode dizer-se sem exagero que, em frente das linhas de Torres Vedras, esteve em cheque não só o destino da nossa pátria e o da Península, mas o da própria Inglaterra na sua luta titânica contra o génio de Napoleão, e igualmente o esteve a sorte deste, a da França e, portanto, a da Europa inteira.

"Foi um momento Histórico decisivo"⁷.

⁷ In: *Memórias de um ajudante de Campo, Fernandes Costa, 1895; e baseado na obra "Memória do Barão de Marbot"*

BIOGRAFIAS

JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA

(Lisboa, 05 de Agosto 1774 – Lisboa, 19 de Outubro, 1841)

Iniciando os seus estudos na Academia de Marinha, onde permaneceu entre 1791 e 1793, acabaria por se formar como Engenheiro Militar na Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho, três anos depois (1796) e onde se destacaria com um dos melhores alunos dessa instituição. Concluída a sua formação, destacou-se como hábil desenhador ao serviço da Cartografia militar, onde realizou levantamentos topográficos de inegável contributo para o conhecimento do território português, nomeadamente na região do Alentejo. Em 1800, acabou por escrever a sua primeira obra, intitulada, *“Observações sobre o plano de ataque e defesa do Reino de Portugal, acabando por contestar a obra, État présent du Royaume du Portugal en l’année MDCCLXVI”* [1766], do General francês Charles François Dumouriez, que esteve em solo nacional ao serviço do rei Luis XV, sobre um eventual ataque ao território português. Com o eclodir da Guerra das Laranjas (1801), o desaire que o exército português teve na campanha alentejana, só veio confirmar todas as previsões que já vinha advertindo, na sua primeira obra, para a importância do desenvolvimento do sistema defensivo da zona fronteiriça alentejana. O que o levou, no ano seguinte, a escrever uma obra sobre a sua experiência na campanha alentejana, tão desastrosa para as cores nacionais, intitulada, *“Memórias para servirem à História da Campanha do Alentejo no ano de 1801”* (esta obra só seria publicada mais de cem anos depois, por intermédio de Henrique Campos Ferreira Lima, um estudioso da Guerra Peninsular e Director do Arquivo Histórico Militar). Logo de seguida, em 1802, prestou serviço na Inspeção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas do Reino, sob as ordens de Louis-François Carlet, Marquês de Rosière, que tinha sido escolhido, em 1797, para chefe de estado-maior e comandante da Engenharia, com o título de Quartel-mestre General, com o intuito de preparar uma possível guerra com a Espanha, o que viria a suceder três anos depois. Ao serviço desta inspeção, desenhou uma carta militar sobre o levantamento topográfico de uma parte da fronteira do Alentejo, que infelizmente, ficaram na posse de Rosière, que provavelmente entregou ao Coronel francês Vincent do “Corps du Génie”, em 1808, aquando da primeira invasão gaulesa ao território português (posteriormente, esta carta teria sido enviada para França, tendo sido mais tarde localizada no Arquivo de Vincennes). Em 1806, e já como Capitão de Engenharia, passou a trabalhar no Arquivo Militar, onde aí ficou até à primeira invasão francesa. Com a entrada dos franceses, em 1808, o Coronel Vincent, chefe do corpo de engenheiros franceses, solicita ao proeminente cartógrafo português, o Tenente-Coronel Carlos Frederico Bernardo de Caula, que se procedesse, sob a sua direcção, à triangulação e ao levantamento da área entre o Cabo da Roca e Peniche, pois aquele oficial francês tinha a consciência que o seu pequeno número de engenheiros não poderia realizar esses levantamentos territoriais, atrás solicitado, num curto espaço de tempo. Assim, foi nomeado para este trabalho, o agora Major Neves Costa, juntamente com outro engenheiro português, Xavier Brito. Deste trabalho resultaram vários documentos e uma memória sobre a defesa da costa, intitulada, *“Descrição do terreno da Costa de Portugal compreendido entre o Cabo da Roca e a Vila da Ericeira, com varias observações sobre a sua defesa contra um ataque marítimo”*. Ainda em Outubro deste mesmo ano (até Junho de 1809) foi encarregado do reconhecimento militar do terreno a norte de Lisboa, do levantamento da respectiva carta e escreveu ainda a *“Memória militar sobre as posições defensivas que se encontram no terreno vizinho de Lisboa...”*. Em 1810, com a chegada do Marechal William Beresford ao comando do exército português, passa a integrar a Brigada do Exército de Operações, que sob as ordens de Carlos Frederico de Caula, realiza

vários reconhecimentos topográficos em diversos pontos do país. Neste mesmo ano, amplia ainda o que havia escrito nas *“Observações sobre o plano de ataque e defesa do Reino de Portugal, escrevendo o opúsculo, Análise crítica da memória sobre o ataque e a defesa do Reino de Portugal”*, continuando a contestar as posições defendidas pelo General francês Dumouriez (pois tinha tido o conhecimento em 1809, que este General tinha escrito a memória sobre a defesa de Portugal), tendo sido muito elogiado na época. Ainda neste ano e até 1811, prestou serviço na Comissão das Linhas ao Norte do Tejo, tendo sido incumbido de examinar e reparar as estradas, pois algumas encontravam-se em muito mau estado, que ligavam a capital portuguesa com os diversos pontos das linhas de defesa. Durante o ano de 1811 e até Setembro de 1812, trabalhou, novamente, com o Tenente-Coronel Frederico de Caula, no examinar, levantar a planta e reconstruir a praça de Almeida, que se encontrava num estado de ruína, devido aos combates que aí se verificaram entre as forças francesas e as tropas anglo-lusas. Em Abril de 1812, enviou para a Corte portuguesa, ainda instalada no Rio de Janeiro, uma cópia da planta e da memória sobre a defesa da cidade de Lisboa, tendo o rei D. João VI proposto que fosse devidamente recompensado pelo facto, o que acabaria por não se verificar, devido às objecções levantadas pelo Duque de Wellington. Esta memória, seria publicada, por ele, em 1822, tendo o sugestivo título de: *“Exposição dos factos pelos quais se mostra ter sido portuguesa a iniciativa do projecto proposto em geral para a defesa de Lisboa, que precedeu e continha as bases do projecto particular, posto depois em prática no ano de 1810”*. Nesta exposição, realça o seu trabalho pioneiro de reconhecimento topográfico da região de Lisboa e os conflitos latentes com os militares ingleses, pois tanto Wellington e Beresford apreciaram sempre negativamente que ele fosse recompensado pelos serviços prestados no reconhecimento dos terrenos estratégicos a norte da capital do Império. Foi ainda proposto, em 1813, pelo Marechal Beresford para efectuar o levantamento da Carta Topográfica Militar da Península de Setúbal, trabalho que o ocupou até 1816. Até ao fim da sua vida integrou várias comissões ligadas ao estudo da topografia militar, tendo sido mesmo nomeado, por decreto de 20 de Maio de 1823, Ministro da Guerra, mas com a chegada de novo de um governo absolutista, não chegou a tomar posse. No ano de 1841, data do seu falecimento, ainda nos deixou uma obra de reflexão para o futuro da cartografia portuguesa, tendo por título, *“Considerações militares tendentes a mostrar quais sejam no território português os terrenos cuja topografia ainda falta conhecer para servir de base a um sistema defensivo do Reino...”*. Uma Comissão, criada para o efeito, considerou esta obra “de grande utilidade” e “um serviço distinto” prestado ao estudo do ordenamento do território português.

Jose Maria das Neves Costa
 Major effect. do Reg. E. d'engenheiros

SIR RICHARD FLETCHER

(Ipswich, 1768 – San Sebastian-Espanha,
31 de Agosto de 1813)

A sua carreira militar iniciou-se na Academia de Woolwich (*Royal Military Academy*), tendo chegado a segundo-tenente na Real Artilharia (*Royal Artillery*) em 1788, transferindo-se, dois anos depois (29 de Junho de 1790) para o corpo de Engenheiros Militares (*Royal Engineers*), onde passará o resto da sua vida militar. No ano seguinte, foi destacado para servir nas Antilhas, tendo participado na captura das ilhas de Martinica, Guadalupe e Santa Lúcia, onde acabou por ser ferido na cabeça. De regresso à *Velha Albion*, em 1796, foi nomeado ajudante no Corpo de Artífices (*Royal Military Artificers*), onde esteve dois anos. Em 1798, foi destacado para servir no exército otomano, tendo recebido o brevet de Major, destacando-se na concepção de várias



estruturas de defesa na região síria, como preparação e antecipação da invasão francesa, que já se adivinhava, sob o comando do então cônsul, Napoleão Bonaparte. Em Dezembro de 1799, foi protagonista de um episódio, que acabou por ser fatídico, para o seu colega de armas no Corpo de Engenheiros, Major McKerras, pois tendo sido ambos destacados para realizar um reconhecimento, por barco, ao porto de Alexandria (Egipto), acabaram por serem surpreendidos por uma embarcação francesa, que matou McKerras e o deteve como prisioneiro. Com a captura de Alexandria pelas forças aliadas, acabou por ser solto e recebido pelo sultão egípcio, com a medalha de ouro, pelos seus bons serviços. Regressado novamente a Inglaterra, em 1802, foi empregado em diversas tarefas no seu Corpo de Engenheiros, tendo sido destacado, em 1807, para a expedição à Dinamarca, que levou à captura, pelas forças inglesas, da sua capital, Copenhaga. Em 1808, foi destacado para a Península Ibérica, tendo assumido o comando do Corpo de Engenheiros, tendo servido, primeiramente, o desafortunado General John Moore, na Corunha e depois o seu substituto General Sir Arthur Wellesley, já em território português. Ao comando do seu Corpo, com o posto de Tenente-Coronel, foi responsável pelo planeamento da construção (durante o período de entre Novembro de 1809 e Setembro de 1810) das chamadas Linhas Defensivas do norte de Lisboa (as famosas Linhas de Torres Vedras), como forma de travar o avanço das forças francesas, em direcção à capital portuguesa. Esteve também presente nas batalhas de Talavera (Julho de 1809), Buçaco (Setembro de 1810), Sabugal (Abril de 1811), Fuentes d’Oñoro (Maio de 1811), sendo também responsável pela construção de estruturas que serviram nos Cercos de Ciudad Rodrigo (Janeiro de 1812), Badajoz (Abril de 1812), Vitória (Junho de 1813) e finalmente em San Sebastian (31 de Agosto de 1813), onde encontrou a morte, no segundo e decisivo ataque à cidade basca, tendo sido atingido com um tiro certo no coração, tendo na altura 42 anos de idade. Em sua memória, encontra-se um monumento em sua honra nesta cidade espanhola, tendo o seu falecimento sido bastante sentido junto dos seus companheiros de armas.

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ COUTINHO BARRETO DE SÁ RESENDE DE MAGALHÃES

(01 de Novembro de 1769 – Lisboa, 06 de Novembro de 1827)

Filho de D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá e Resende, coronel de cavalaria e mais tarde governador e capitão general da ilha da Madeira e de D. Luísa Teresa Antónia da Câmara Meneses. Alistou-se no exército português em 1785, ficando com o posto de cadete no Regimento de Infantaria de Peniche. Durante oito anos permanece neste Regimento, subindo hierarquicamente na sua estrutura militar. Mais tarde, em 1790, colaborou no estado-maior de Carlos Augusto von Oeynhausen, Conde de Oeynhausen, inspector-geral da Infantaria portuguesa, tenente-general do exército e Governador do Algarve, nos campos da Porcalhota (Amadora). Entre 1791 e 1793, foi sucessivamente promovido de Capitão a Sargento-Mor, sendo nomeado ajudante de ordens do General escocês John Forbes of Skellater, Comandante de uma Divisão reforçada portuguesa que combateu na Campanha do Rossilhão e da Catalunha. Torna-se, em 1794, Major do Regimento de Infantaria de Serpa, conseguindo logo, em 1795, ascender ao posto de Tenente-Coronel no 2º Regimento de Infantaria do Porto. Em 1801, ainda ao lado de John Forbes, exerceu o cargo de quartel-mestre-general na campanha do Alentejo, durante a chamada Guerra das Laranjas, ajudando aquele comandante a retirar o exército português das planícies alentejanas para a margem Norte do rio Tejo, sem perdas significativas, impedindo o avanço das tropas franco-espanholas. Em Março de 1800 foi nomeado governador e capitão-general do Pará, mas não chegou a embarcar para o Brasil. A sua ascensão militar não pára, sendo nomeado, em 1806, brigadeiro e encarregado da inspeção-geral das milícias do reino. Com a partida da família Real para as terras de Vera Cruz, em 1807, foi nomeado Secretário Suplente do Conselho de Regência, que ficou em Lisboa com ordens para governar Portugal, substituindo, nas suas faltas, Manuel António de Sampaio Melo e Castro Moniz e Torres de Lusignano - o Conde de Sampaio. Quando as tropas francesas entram em Portugal, retira-se para a cidade de Coimbra. Daqui junta-se ao seu primo direito, Bernardim Freire de Andrade e Castro, dirigindo-se, de imediato para o Porto, onde iniciam e organizam uma força militar, que embora pouco armada e mal treinada,



conseguem chegar a Coimbra a 5 de Agosto de 1808, com o intuito de apoiarem o flanco esquerdo do exército britânico, sob o comando de Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington. Após a Convenção de Sintra, que impõem o abandono das forças francesas do território português, torna-se, em inícios de 1809, Secretário da Regência, sendo o encarregado dos Negócios da Marinha e da Guerra. Neste cargo reorganizou o exército português, segundo os moldes do exército britânico, mas com as especificidades próprias portuguesas, surgindo, neste sentido, os chamados batalhões de caçadores. Em 1808, chega a ser promovido a marechal de campo, tendo chegado a tenente-general em 1812. Com a revolução de 1820, afastou-se da vida pública governativa, recebendo por Decreto de 13 de Maio desse ano, o título de Conde da Feira, e em 1826 foi eleito par do reino, na altura da outorga da Carta Constitucional de D. Pedro IV.

LOUIS PIERRE MONTBRUN

(Florensac, 01 de Março de 1770 –
Borodino-Rússia, 07 de Setembro de 1812)

Este oficial fez parte de uma geração de grandes cavaleiros franceses, que lutaram ao lado de Napoleão Bonaparte, como foi o caso de Lasalle, Charles Lefebvre-Desnouettes, Pajol, Chamorin, Caulaincourt. Ficou célebre não só pela sua coragem nos campos de batalha, onde demonstrou toda a sua destreza no manejar da espada e no brilhantismo como sabia controlar a sua montada, como também pelo seu grande bigode preto, aliado ao seu físico de um verdadeiro atleta. Com a idade de 19 anos (1796) alistou-se nos Caçadores da Alsácia, que mais tarde tornar-se-iam nos primeiros Caçadores a Cavallo. Pela sua tenacidade e coragem que imprimia nas acções de combate, onde por diversas vezes saiu ferido,



acabou por receber diversas distinções honrosas como a de ser promovido, em 1805 (depois da sua relevante acção na Batalha de Austerlitz) a General de Brigada e três anos mais tarde, tornou-se Barão do Império. Em Abril de 1810, é enviado para a Península Ibérica, tornando-se comandante da cavalaria francesa, sob o comando geral de André Massena. Entre Julho e Agosto desse ano, participa no Cerco à Vila portuguesa de Almeida, mas essencialmente distingue-se no torneamento que fez às linhas inglesas, depois da Batalha do Buçaco (27 de Setembro). As consideráveis baixas sofridas pelo exército francês naquela batalha levaram o Marechal Massena à profunda convicção que o mais sensato seria tornear as posições britânicas, em vez de entrar novamente em combate directo. Contudo uma questão punha-se nesta altura ao marechal: Por que caminho se efectuará esse torneamento? Pela direita, ou pela esquerda da Serra do Buçaco?. Segundo um oficial português, que vinha no quartel-general de Massena, este, tendo chamado alguns dos oficiais portugueses, perguntara-lhes qual o melhor caminho que havia para tornear a posição, e como estes não lho souberam indicar, destratou-os violentamente, chamando então o general Montbrun para enviar os generais Soult, Sainte-Croix e Lamotte em diversas direcções à procura dum caminho que permitisse a marcha torneante às forças inglesas. Seria contudo Montbrun, informado pelo General Sainte-Croix, que descobriria a existência dum bom caminho, na esquerda da posição luso-britânica quando chegou ao lugar de Boialvo (o seu plano era sair deste local em direcção a um lugar chamado de Avelãs do Caminho, não havendo necessidade de seguir em direcção a Sardão para entrar na estrada do Porto a Coimbra). Ao chegar a esta conclusão, enviou de imediato o seu relatório a Massena, e ao mesmo tempo tomava todas as medidas para se assegurar do desfalecimento do Boialvo, fazendo ocupá-lo por um regimento da brigada Sainte-Croix ; escalonando outras duas brigadas até às alturas que dominavam a povoação; colocando a artilharia a cavalo e um outro regimento em o lugar de Vale de Carneiros e três outros num outro lugar chamado de Avelreira. Assim, informado Massena da possibilidade do torneamento, este deu as ordens necessárias para a marcha dos corpos de exército. Em Outubro de 1810, ao caminharem em direcção a Lisboa, com o intuito de a conquistar as forças francesas deparam-se, para sua surpresa, com o exército inimigo, atrás duma posição impenetrável. Ao aproximar-se da região de Sobral de Monte Agraço, Montbrun é o primeiro a informar Massena da descoberta de uma linha de fortificações que se estendia desde o rio Tejo até foz do rio Sizandro, que mais tarde ficaria conhecida como as Linhas de

Torres. Consta que Massena terá ficado furioso quando teve conhecimento desta extensa linha defensiva que o comando anglo-português teve a genialidade de conceber. Dois anos mais tarde, em 1812, Montbrun acabará por perecer em Borodino, em pleno campo de batalha, tendo sido directamente atingido no estômago por fragmentos de uma bala. Segundo, relato da época, antes de tombar terá dito: *“Bom tiro !!!”*.

JEAN-ANDRÉ MASSENA

(Nice, 6 de Maio de 1758 – Paris, 4 de Abril de 1817)

Com apenas seis anos de idade ficou orfão de pai, de seu nome, Jules Massena, um pequeno comerciante de Nice (na altura fazia parte do Reino da Sardenha). Tendo sua mãe, Marguerite Fabre, contraído, novamente matrimónio, foi viver com familiares próximos. Aos treze anos de idade, torna-se aprendiz de marinheiro num navio mercante, percorrendo toda a costa mediterrânica, além de ter feito duas viagens à Guiana Francesa. De regresso a terra, em 1775, alista-se no “Exército Real de Itália”, abandonando-o em 1789. Depois de um pequeno período da sua vida em que se dedicou a actividades menos lícitas (contrabando), volta ao exército em 1791. No ano seguinte, ascende logo ao posto de coronel, participando e distinguindo-se nas Guerras Revolucionárias Francesas. Rapidamente subiu na hierarquia do exército francês, sendo promovido a general de brigada, em 22 de Agosto de 1793, tendo logo depois ascendido a general de divisão, em 20 de Dezembro do mesmo ano. Participando na campanha de Itália (1795-1797), comanda o centro das tropas napoleónicas, ajudando, com a sua rara coragem e tenacidade na vitória francesa sobre as forças austríacas na Batalha de Loano (Agosto de 1795). Ainda nesta campanha, tem o seu momento de glória, na Batalha de Rivoli (14 a 16 de Janeiro de 1797), quando após doze horas de marcha forçada, a sua divisão chega ao campo de batalha e reverte a situação a favor do seu exército. Devido a este facto, Napoleão, agradado com o seu contributo para a vitória naquele dia, atribuiu-lhe o nome de “L’ enfant chéri de la victoire”, obtendo, mais tarde, em 1808, o título de Duque de Rivoli. Em Fevereiro de 1798, é nomeado general-em-chefe do exército nas campanhas italiana e suíça, conseguindo vencer as forças russas na segunda Batalha

de Zurique (25 a 26 de Setembro de 1799) e provocando o fim da segunda coligação contra a França. A sua carreira militar estava no auge. Contudo, na Batalha de Marengo (14 de Junho de 1800), foi acusado de saqueador, sendo demitido do exército. Só em 1804, consegue ganhar a confiança do imperador, quando este o promove a marechal de França. Novamente em Itália, conquista o Reino de Nápoles, instalando o irmão do imperador, José, no trono desse reino. Captura a cidade de Verona e torna-se o pacificador da Calábria, embora tenha sido acusado de inúmeros massacres. Também a sua apetência pelo saque, neste caso, dos bens que tinham ficado para os vencedores, levou-o de novo a ser suspenso das suas funções militares. Voltou ao activo, só em 1809, quando participa nas Batalhas de Aspen-Essling (21 e 22 de Maio) e Wagram (5 a 6 de Maio), destacando-se no comando do 4º corpo do exército. Devido aos



esforços em ambos os confrontos, recebeu o título de Príncipe d'Essling. Em 1810, é enviado para a Península Ibérica, sendo o comandante das tropas que invadiram Portugal. Tendo enfrentado as forças de Wellington, na Batalha do Buçaco (27 de Setembro), força este a retirar para as famosas Linhas de Torres Vedras, que os ingleses construíram, com o intuito de proteger a cidade de Lisboa. Esta última situação, estancou o avanço das tropas napoleónicas, sob o seu comando, ficando num impasse durante meses, até que se viu forçado a retirar de Portugal, depois de nova derrota, agora na Batalha de Fuentes de Oñoro (3 a 5 de Maio de 1811). Depois deste desaire militar foi substituído por um outro marechal Auguste Marmont, não servindo mais no exército francês. Mais tarde dirá da campanha portuguesa, que tinha sido mal secundado e que lhe faltavam munições para atacar convenientemente as posições inglesas. No regresso a França, é mal acolhido por Napoleão, que lhe confia apenas uma divisão militar estacionada na cidade de Marselha. Com o regresso da monarquia, em 1815, Luís XVIII faz dele Par do Reino de França, além de ter recebido a comenda de São Luís, em reconhecimento dos seus feitos militares. Não se juntando a Bonaparte, aquando do seu regresso de Elba, preferiu manter a calma na região militar que comandava, ainda em Marselha. Depois da definitiva derrota de Napoleão Bonaparte, é-lhe dado o comando da Guarda Nacional, mas recusa fazer parte do Conselho de Guerra, que iria julgar o seu companheiro de armas, o marechal Michel Ney. Pouco depois, acaba por falecer, com a idade de 58 anos, o homem que Napoleão chegou a considerar "o grande nome do meu império militar". Encontra-se sepultado no cemitério parisiense do Père Lachaise.



Esta publicação é parte integrante de uma actividade do Arquivo Histórico Municipal intitulada: “**Uma Visita às Linhas de Torres**”, realizada no dia 16 de Julho de 2011, organizada pelo Município de Óbidos, no âmbito da Comemoração do Bicentenário da Terceira Invasão Francesa

Edição

Câmara Municipal de Óbidos

Textos e Coordenação Científica

João Pedro Tormenta e Ricardo Pereira

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

Traduções

Patrícia Roque e Rita Simão

REDE DE MUSEUS E GALERIAS

Design Gráfico

Gabinete de Comunicação e Design - CMO

Fotografia

Gabinete de Comunicação e Design - CMO

Infograma

Luis Miguel Agostinho

Óbidos, Julho 2011



CAPA: Pormenor da “*Maquete Topográfica das Linhas de Defesa de Torres Vedras*” (Escala: 1:10 000 por 1:500), da autoria do Coronel José Estevão Cancellia de Vitória Pereira, Primeira metade do século XX, 431 x 86,5 cm, Arquivo Histórico Municipal de Óbidos, Colecção Frederico Pinto Basto.

MEMÓRIAS DA GUERRA PENINSULAR

1000
bicentário

UMA PARCERIA ENTRE:



MUNICÍPIO DE
ÓBIDOS



Associação de Defesa do Património
do Concelho de Óbidos

Rota Histórica
das Linhas de Torres



SOBRAL DO MONTE AGRANÇO
município